

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**SARA CAROLINE LOPES DE MORAIS**

**O SONHO AMERICANO NOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO  
FEMININO NO MUNDO DOS SUPER-HERÓIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**PATO BRANCO**

**2019**

**SARA CAROLINE LOPES DE MORAIS**

**O SONHO AMERICANO NOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO FEMININO NO  
MUNDO DOS SUPER-HERÓIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Pato Branco como requisito parcial do título de Licenciatura.

Linha de Pesquisa: Literatura Norte-Americana

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariese Ribas Stankiewicz

**PATO BRANCO**

**2019**

## FOLHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



### DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a) **Sara Caroline Lopes de Moraes**.

Título **O sonho americano nos quadrinhos: uma análise do feminino no mundo dos super-heróis.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 03/12/19, pela comissão julgadora:

**Profa. Dr<sup>a</sup>. Marise Ribas Stankiewicz- UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca


**Profa. Dr<sup>a</sup>. Mirian Ruffini- UTFPR Pato Branco**  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

**Profa. Dr<sup>a</sup>. Camila Paula Camilotti- UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rosângela Aparecida Marquesi**

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

  
Rosângela Aparecida Marquesi  
Supl. Adjunta  
Coordenadora do Curso de Letras em  
Português-Inglês  
UTFPR - Câmpus Pato Branco

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

*Para meus pais. Meu super-herói e minha  
super-heroína favoritos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus por esta conquista e pela fé que me manteve de pé mesmo nos momentos mais difíceis.

Também gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariese Ribas Stankiewicz, por ter aceitado me orientar neste TCC, por seu carinho, paciência e profissionalismo impecáveis. Se um dia eu conseguir chegar a ser metade da profissional incrível que você é, estarei mais do que feliz e satisfeita.

Agradeço também à minha banca por terem aceitado de braços abertos o meu convite: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Ruffini, minha parecerista e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Camila Paula Camilotti, duas profissionais que levarei com muito carinho por toda a vida.

Aos professores que de alguma forma contribuíram para meu ensino, por me incentivarem a ir além e me fazerem ter certeza e orgulho da profissão que escolhi.

Aos meus colegas e às amigas que fiz durante esses anos. Eu cresci e amadureci imensamente através das vivências e oportunidades que tive de aprender e entender o mundo através dos olhos de vocês, e por isso, sou imensamente grata.

E por último, porém com certeza não menos importante, à minha família, meu irmão, meus pais. Vocês são grande parte do motivo pelo qual segui lutando durante esses anos da graduação. Não existem palavras suficientes para descrever o quanto eu amo vocês e agradeço todos os dias por todo o suporte, amor, compreensão e carinho que vocês me deram não apenas durante a graduação como também em toda minha vida. Pai e mãe, obrigada por ensinarem a uma garotinha que, por meio dos livros, é possível se sonhar com um mundo inteiro e incrível, e através dos estudos, é possível tornar, esse mundo, real e cheio de oportunidades. Essa conquista também é de vocês!

*“To the people who look at the stars and wish”.*

*“To the stars who listen – and the dreams that are answered”*

Sarah J. Maas.  
A Court of Mist and Fury.

## RESUMO

MORAIS, Sara Caroline Lopes de. O Sonho Americano nos Quadrinhos: Uma Análise do Feminino no Mundo dos Super-Heróis. 2019. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

As histórias em quadrinhos, com o advento da pós-modernidade começa a ser discutido no meio acadêmico não apenas como um gênero textual com o único objetivo de entreter, mas como um meio em que aborda questões relevantes para nossa sociedade ao espelhar de maneira utópica e irreal a vivência humana. Dentre estas questões encontram-se as representações femininas. Com isso, este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar de maneira crítica as representações femininas nos quadrinhos, desde seu protagonismo secundário perante personagens masculinos até a sexualização do corpo feminino de maneira excessiva e irreal.

**Palavras-Chave:** quadrinhos, feminismo, Sonho Americano, super-heroínas.

## ABSTRACT

MORAIS, Sara Caroline Lopes de. The American Dream in comics: an analysis of the feminine in the world of superheroes. 2019. 33 p. Concluding Course Paper – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – *Campus* Pato Branco, 2019.

Comic book stories, with the advent of postmodernity, begins to be discussed in academia not just as a textual genre for the sole purpose of entertaining, but as a means of addressing issues relevant to our society by mirroring an utopian and unreal human experience. Among these issues are female representations. Thus, this Concluding Course Paper aims to critically analyze the female representations in comics, from its secondary role towards male characters to the excessive and unreal sexualization of the female body.

**Keywords:** comics, feminism, American dream, female superheroes.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 – A CRIAÇÃO DOS SUPER-HERÓIS E O SONHO AMERICANO</b> ....	13
1.1 Os Super-Heróis na (Pós-)Modernidade .....	13
1.2 Ideologia e Sonho americano no mundo dos super-heróis .....	16
<b>CAPÍTULO 2 – O PAPEL FEMININO EM SOCIEDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES NO MUNDO DOS QUADRINHOS</b> .....	20
2.1 A construção do Feminino através da história .....	20
2.2 A Representação Feminina no Universo dos Quadrinhos .....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32

## INTRODUÇÃO

A figura do super-herói, similar à que conhecemos nos dias de hoje, teve suas origens no início do século XX, desenvolvendo-se amplamente nos Estados Unidos pela crescente necessidade tanto de entreter quanto de encorajar a sociedade com personagens superpoderosos que buscam o bem maior, já que o início do século trouxe uma grande sombra sobre a população mundial com as grandes guerras ocorrendo em um curto espaço de tempo, além de uma recessão financeira que abalou toda a estrutura socioeconômica dos Estados Unidos.

Em meio a essa desestruturação social criaram-se personagens como Super-Homem, Batman, Capitão América e Mulher Maravilha, entre muitos outros, que, muitas vezes, ficaram responsáveis pela manutenção da ordem e da harmonia na sociedade americana da primeira metade do século passado.

Além disto, as adaptações cinematográficas desses e de outros personagens nos últimos anos aumentaram a demanda e o apelo social pelos mesmos, revigorando o cenário dos quadrinhos. Com o contexto histórico atual sendo completamente diferente dos primeiros anos em que esses personagens surgiram, obviamente, houve um apelo diferente do público quanto ao conteúdo desenvolvido nas HQs, quando se tem dado mais espaço às representatividades de personagens das chamadas minorias, e, entre elas, das mulheres, ainda que muitas vezes a objetificação feminina seja um problema a ser discutido.

Para tal discussão, durante esta pesquisa, foram feitas análises quanto ao contexto social da época em que os super-heróis como conhecemos hoje foram criados e como isso influenciou no desenvolvimento de tal personagens, mantendo o enfoque principal na maneira como personagens femininas foram e são até hoje retratadas de acordo com as ideologias tanto de seus criadores quanto do público alvo ao qual eram desenvolvidas.

Para isso, foi preciso apontar algumas colocações sobre o Sonho Americano, elaboradas por críticos estudiosos do assunto, especialmente, por Noam Chomsky (2018), que discute em sua obra – entre outras coisas – sobre como a necessidade de se criar metas e expectativas de sucesso financeiro e bem-estar influenciaram a sociedade norte americana desde o cerne de sua criação até mesmo nas histórias em quadrinhos, onde super-heróis se tornaram símbolos de bravura e coragem em tempos de guerra, ou suas contas bancárias e vidas bem-sucedidas transformaram-se em uma meta a ser alcançada por meio de trabalho árduo e de esforço, passando

inconscientemente a ideia de que o segredo para o sucesso não está no favorecimento de poucos, mas sim na vontade de alguns, o que, muitas vezes, prova-se errôneo no mundo real.

Neste sentido, este trabalho de conclusão de curso trata de uma análise crítica da representação feminina nas histórias em quadrinhos, já que, durante a pesquisa não foram encontrados trabalhos específicos sobre o assunto no âmbito acadêmico.

Na obra de Lois Gresh e Robert Weinberg, de 2002, intitulado *The Science of Superheroes*, os autores buscaram analisar a correlação entre ciência e super-heróis, tratando, de início sobre o contexto histórico e social dos Estados Unidos na época em que esse gênero textual surgiu. Concluíram que há certa conexão entre o mundo dos super-heróis e a ciência, porém não há uma análise específica quanto ao desenvolvimento de personagens femininas ou suas possíveis conexões com o estudo que fizeram.

Em *Superdeuses*, de Grant Morrison, publicado em 2012, o autor trata sobre como os super-heróis tomaram conta dos meios de comunicação em menos de um século, além de discutir sobre como os quadrinhos são maneiras de se reproduzir e perpetuar a história humana de uma maneira superpoderosa.

Em *A Identidade Secreta dos Super-heróis*, de 2017, Brian J. Robb discute sobre a ascensão dos super-heróis a partir do período da Grande Depressão até o sucesso dos *blockbusters* com adaptações dos quadrinhos. Além disto, também analisa sobre as origens na mitologia e a influência dos acontecimentos históricos sobre a criação e o desenvolvimento dos super-heróis.

Já em *A História Secreta da Mulher-Maravilha*, publicado em 2017, Jill Lepore desenvolve um minucioso estudo sobre as influências que levaram William Moulton Marston a criar a Mulher-Maravilha, desde seus tempos de infância à sua vida acadêmica e pessoal, além da influência das mulheres em sua vida sob sua criação mais famosa e como a personagem desenvolveu-se ao longo de seus primeiros anos de vida, fazendo-se de uma correlação entre os movimentos feministas da época e a própria Mulher-Maravilha.

Os ideais do Sonho Americano criam objetivos muitas vezes impossíveis de se alcançar pela grande maioria da sociedade, onde acaba se desenvolvendo um ambiente idealizado em que se busca uma perfeição inexistente. Mas como isso afeta as mulheres? Desde sempre o papel feminino ficou restrito ao cuidado doméstico e,

apesar de nos dias de hoje haver uma considerável evolução, se comparado ao cenário do início dos anos 30, ainda há muito a ser discutido.

No mundo dos quadrinhos, poucas são as super-heroínas que se destacam e recebem um desenvolvimento igualmente justo se comparadas à maioria dos super-heróis. São muito poucos os estudos que abordam as representações femininas nos quadrinhos e como elas muitas vezes tendem a ser precariamente desenvolvidas de uma forma que se igualem às representações do sexo oposto. Além disto, levando-se em consideração a época em que os quadrinhos ganharam força no início do século XX, podemos comparar a influência do Sonho Americano no desenvolvimento dos super-heróis, suas características e até mesmo seus uniformes ajudaram a criar um ideal enraizado tão fortemente na cultura mundial, que persiste até hoje.

Com a abertura gradativa de um espaço para o feminino e para o feminismo, é possível notar cada vez mais a necessidade de se falar sobre como as mulheres são vistas em sociedade, como algumas situações tornam-se totalmente diferentes e até mesmo distorcidas quando acontecem com mulheres, e como essas mesmas situações são comumente aceitas quando envolvem um homem.

A falta de representações verossímeis de mulheres em qualquer plataforma artística existe como um fato que apenas nos dias atuais começa a ser discutido e questionado; quando são representadas, a parte majoritária acaba ocupando um papel secundário que visa apenas servir de base para um protagonista masculino solidificar seu desenvolvimento. No caso das histórias em quadrinhos, é fácil de se perceber a existência de muitas super-heroínas, o que se torna difícil é encontrar personagens que ganhem destaque ou se igualem ao desenvolvimento de alguns super-heróis. Essa carência de uma forte representatividade não é algo comum apenas dos quadrinhos, cinema e outros meios, mas sim algo que persiste como sendo uma característica bastante comum, com poucas exceções à regra.

A importância de se trazer esse assunto para o meio acadêmico não se detém apenas no fator do feminismo, mas abrange também a convivência humana como sociedade no geral. Levando em consideração que muito do que se é criado nas histórias em quadrinhos é visto como um objetivo a ser seguido e alcançado por muitas crianças e jovens. Observa-se como algumas atitudes e estilos de vida existentes nas páginas podem se tornar inviáveis no mundo real, o que transforma o contexto dessas histórias fictícias em algo que deve ser estudado não como uma mera

criação para entretenimento adulto e/ou juvenil, mas como uma via de cativar os seus leitores e espectadores para a busca por uma vivência irreal.

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho foi o de analisar como personagens femininas são representadas nos quadrinhos de super-heróis, fazendo-se um estudo comparativo entre personagens femininos e masculinos, observando-se como os ideais existentes no Sonho Americano influenciaram a construção de ambos os gêneros. Para que isto fosse possível, foi necessário entender o contexto histórico em que os super-heróis começaram a surgir, assim como verificar como o Sonho Americano tem sido definido por estudiosos e filósofos, levando em consideração, principalmente, os estudos de Noam Chomsky (2018). Além disto, a análise da representação da mulher em histórias de super-heróis pôde ser concluída em paralelo com algumas das teorias do feminino, tais como aquelas desenvolvidas por Michelle Perrot, em *Minha História das Mulheres* (2007), e por Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1970).

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi feita uma análise sobre a criação dos super-heróis além das discrepâncias entre personagens masculinos e femininos, buscando introduzir o contexto histórico da época em comparação com teorias que sustentam as afirmações aqui apresentadas a fim de se verificar o papel feminino exercido na sociedade tendo como base alguns personagens de histórias em quadrinhos, com o intuito de analisar se há uma influência social proveniente do Sonho Americano para o desenvolvimento de personagens tanto masculinos como femininos, e se a existência e a forma desses heróis e super-heroínas ajudaram, em contrapartida, a criar uma aura ideológica sobre a existência do homem em sociedade. Dessa maneira, este trabalho foi organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado “A criação dos super-heróis e o sonho americano”, e o segundo sendo “O papel feminino em sociedade e suas representações no mundo dos quadrinhos”.

## CAPÍTULO 1 – A CRIAÇÃO DOS SUPER-HERÓIS E O SONHO AMERICANO

A origem das histórias em quadrinhos não é tão simples como muitos podem acreditar. Por ser um gênero textual que agrada a diversas idades, principalmente aos jovens, os quadrinhos geralmente são vistos apenas como uma forma de entretenimento prazerosa. O que não se leva em consideração é que esse gênero ganhou força em uma das épocas mais turbulentas social e economicamente do início do século XX nos Estados Unidos, sofrendo assim uma grande influência proveniente do meio em que foi criado.

Este capítulo traz uma análise sobre o contexto de criação dos super-heróis, principalmente na primeira metade do século passado, ao mesmo tempo que traz algumas considerações sobre suas origens nos mitos gregos e outras raízes, além de traçar um paralelo entre as simbologias presentes nas histórias desses personagens e o conceito de Sonho Americano abordado por Chomsky (2018).

### 1.1 Os Super-Heróis na (Pós-)Modernidade

Após um período extenso de recessão financeira proveniente da Grande Depressão do final dos anos vinte e o recrutamento em grande escala de homens para a Segunda Guerra Mundial, o herói cujo perfil já existia desde os clássicos gregos ganhou uma aura superpoderosa que depreende, em sua maioria, de receber seus poderes por meio de deuses olímpianos (ROBB, 2017).

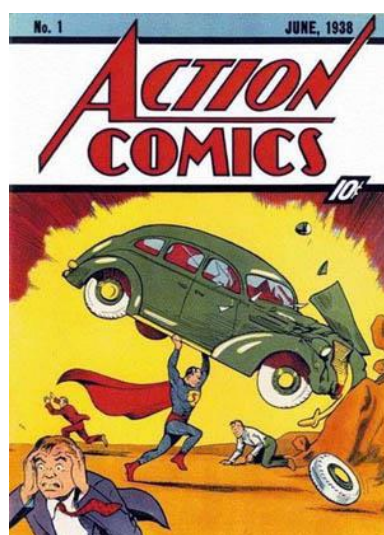
No início dos anos trinta, os programas de lazer ainda eram poucos e escassos para a grande população. Assim, “a principal fonte de entretenimento para ambos jovens e adultos era a leitura”<sup>1</sup> (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 07)<sup>2</sup>. Para suprir essa necessidade de desenfado, muitos voltavam-se à leitura dos chamados “*pulps*”, revistas de ficção que abordavam diversos gêneros além dos científicos, com um baixo custo de publicação, o que facilitava o acesso e interesse do público. Durante as primeiras décadas do século passado, milhares de *pulp magazines* circulavam nas bancas de jornais norte-americanos, dentre elas, diversas eram do gênero de ficção científica e fantasia, e desse estilo impresso vieram a se formar os quadrinhos como conhecemos atualmente (GRESH, WEINBERG, 2002).

---

<sup>1</sup> The main source of entertainment for both young and old was reading (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 07).

<sup>2</sup> Todas as traduções diretas do inglês ao português foram feitas por mim.

Em 18 abril de 1938 era então publicado Action Comics nº 1, que se tornou um marco histórico no meio dos quadrinhos ao introduzir o primeiro super-herói da era de ouro, conhecido e reproduzido em diversos meios de comunicação ao longo dos anos: o Superman. A capa, que é datada de junho do mesmo ano por conta de uma tradição que perpetua até os dias de hoje pelas editoras como uma forma de evitar o obsoletismo das edições, introduzia com uma chamada que buscava instigar a curiosidade dos leitores ao trazer um homem levantando um carro com suas próprias mãos, um dos maiores super-heróis da história, conseguindo alcançar seu objetivo ao vender “sua tiragem completa de 200,000 cópias”,<sup>3</sup> com bancas de jornais pedindo por mais (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 15).



Action Comics nº1, abril de 1938

Fonte: Comic Book Historians

Atualmente, “estima-se que menos de 100 exemplares daquele primeiro número ainda existem (...). Em 2011, um exemplar da revista foi vendido por 2,16 milhões de dólares” (ROBB, 2017, p. 12). Iniciava-se então a Era de Ouro dos quadrinhos, com uma explosão de novos personagens surgindo nos anos seguintes. Assim, “havia dezenas de personagens com habilidades variando de super velocidade ao poder de esticar e remodelar seus corpos em qualquer tamanho ou objeto. O mundo todo amava super-heróis” (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 16)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Its entire print run of 200,000 copies (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 15).

<sup>4</sup> There were dozens of characters with abilities ranging from super speed to the power to stretch and reshape their bodies into any imaginable size or object. All the world loved a superhero. (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 15).

inclusive outro dos mais famosos e reproduzidos super-heróis de todos os tempos, também do selo DC Comics: Batman, que apareceu pela primeira vez em 27 de maio do ano seguinte ao nascimento do Superman.

É possível observar diversas características físicas e superpoderosas semelhantes entre os então recém-nascidos super-heróis pois o “modelo de super-herói que se tornou popular nos gibis americanos durante a Grande Depressão teve sua origem na antiguidade” (ROBB, 2017, p. 17), ainda que com referências não tão significativas na maioria dos casos, os mitos clássicos podem ser encontrados de forma adaptada no meio dos quadrinhos, ou seja,

[c]omparações diretas podem ser feitas entre os super-heróis mais famosos dos quadrinhos e esses ancestrais gregos. O Super-Homem tem raízes no herói divino Hércules (mais conhecido pelo nome romano, ele era chamado de Hércules pelos gregos). Hércules foi o maior dos heróis gregos, um modelo de masculinidade com força extraordinária (...). Da mesma forma, a Mulher-Maravilha é uma variação de Atena, das lendas gregas sobre amazonas, uma nação inteira de mulheres guerreiras. O Hulk é uma versão terrena de Ares, deus furioso sempre pronto para uma briga. Embora nenhum seja uma simples equivalência do outro, eles compartilham elementos principais suficientes para ser possível colocar lado a lado deuses gregos e super-heróis, como Poseidon com o Aquaman, ou Hermes com o Flash. (ROBB, 2017, p. 19)

Portanto, é impossível negar que de uma forma ou de outra, mitos tão antigos quanto a humanidade, influenciara e ainda influencia a criação de novos personagens em diferentes âmbitos criativos, inclusive e talvez principalmente, no mundo dos quadrinhos. A influência grega clássica pode ser explicada pela atração inegável que essas histórias tão antigas trazem ao perdurarem por milênios e continuarem sendo relevantes como meio de inspiração para diversas outras histórias. Contudo, a base nos clássicos gregos, mitos e folclores europeus são apenas parte da equação. Vários caminhos levaram às histórias em quadrinhos como conhecemos atualmente como Gresh e Weinberg (2002) comentam:

Super-heróis em quadrinhos (...) são uma invenção unicamente americana. Suas raízes são Inglesas e Europeias, e elas podem ser rastreadas desde as aventuras de ficção de Sir Walter Scott, os romances góticos de Horace Walpole, as viagens fantásticas de Júlio Verne e as invenções de ficção científica de H. G. Wells. Ainda assim, super-heróis são claramente mais definidos pelo sonho americano do indivíduo heroico. Um homem contra as probabilidades; sejam elas forças da natureza, um governo corrupto ou invasores estrangeiros, criações dos quadrinhos como Superman, Batman, Spider-Man, e o Incrível Hulk são um reflexo tão nítido de um personagem



americano quanto o Tio Sam – que, aliás, uma vez estrelou sua própria série de histórias em quadrinhos. (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 11)<sup>5</sup>

Portanto, justamente por ser uma criação basicamente norte-americana, muito da cultura e das ideologias propagadas no meio social da época – muitas que perpetuam até os dias de hoje – podem ser encontradas sendo representadas nas principais histórias em quadrinhos. Dentre essas ideologias, está o conceito de Sonho Americano abordado por Chomsky em seus estudos sociais.

## 1.2 Ideologia e Sonho americano no mundo dos super-heróis

No início do século XX, a esperança de mobilidade social entre trabalhadores nos Estados Unidos era de comum anuência entre a grande maioria da população. Isso ocorria pelo momento economicamente próspero que o país vivenciava. Bastava que se batalhasse para ser recompensado com uma vida confortável. De acordo com Chomsky (2018, p. 11), “[a] pessoa nasce pobre, trabalha muito e enriquece. É a ideia de que é possível, para qualquer um, conseguir um bom emprego, comprar uma casa e um carro, bancar a educação dos filhos”.

Esse ideal enraizado na mente e na cultura do país não era um acontecimento que começava a se desenvolver no início do século, muito pelo contrário; o conceito de sonho americano aqui abordado e estudado por Chomsky existe desde o nascimento da nação, quando as treze colônias se uniram em comum objetivo de se tornarem livres da liderança do Império Britânico, tornando-se assim os Estados Unidos da América. Naquela época, a população comum do país constituía-se em sua grande maioria por homens e mulheres que haviam sido deportados para as colônias como uma punição por algum delito cometido contra a Coroa. O poder se concentrava na mão dos ricos e assim permaneceu após a emancipação do país pois segundo o conhecimento dos arquitetos da Constituição “os ricos seriam mais responsáveis, aqueles que se preocupariam com os interesses do povo em geral e não apenas com

---

<sup>5</sup> Comic book superheroes (...) are a uniquely American invention. Their roots are English and European, and they can be traced all the way back to the adventure fiction of Sir Walter Scott the Gothic novels of Horace Walpole, the fantastic voyages of Jules Verne, and the Science fiction inventions of H. G.Wells. Still, superheroes are most clearly defined by the American dream of the heroic individual. One man against the odds, whether it be the forces of nature, a corrupt government, or foreign invaders, comics book creations like Superman, Batman, Spider-Man, and The Incredible Hulk are as crisp a reflection of the American character as Uncle Sam – who, for the record, once starred in his own comic book series. (GRESH, WEINBERG, 2002, p. 11).

interesses locais” (CHOMSKY, 2018, p. 15). Esse ideal pode ser verificado atualmente como um conceito errôneo que na época foi aprovado pela minoria hegemônica responsável pelas escolhas e os rumos do país.

Mesmo assim, os Estados Unidos eram vistos como um país de oportunidades para muitas famílias – principalmente europeias de classe baixa – que viam o Novo Mundo como uma nova chance de prosperar. Não demorou muito para que as taxas de imigração se tornassem altíssimas e a população do país crescesse exponencialmente. Assim nascia o sonho americano.

As décadas de 1950 e 1960 (...), foram o período de maior crescimento da economia na história americana. Os Anos Dourados. Foi um crescimento muito igualitário, de modo que a quinta parte menos favorecida da população estava conseguindo melhorar de vida tanto quanto a quinta parte mais favorecida. (CHOMSKY, 2018, p. 65)

Nessa época, os super-heróis já existiam e haviam se solidificado como uma forma de arte muito popular. Muitos personagens nasceram durante esse período próspero de crescimento econômico e social nos EUA, alguns nomes como Homem-Aranha, Hulk, Thor e Homem de Ferro estrelaram as capas e as histórias em quadrinhos da época pela primeira vez; o último podendo ser um personagem simbolicamente referenciado pelos ideais do sonho americano. Apesar de possuir um legado financeiro que propicia suas aventuras em seu traje de ferro, Tony Stark – alter ego do Homem de Ferro – possui um status social e financeiro que instiga os leitores a se perguntarem: “o que é preciso para se ter o que ele tem?”; um sonho de vida que muitos desejam reproduzir dos quadrinhos para a vida real.

“O sonho americano, tal como muitos ideais, era em parte simbólico” (CHOMSKY, 2018, p. 65) e essa simbologia podia e pode até nos dias atuais, ser vista sendo reproduzida por meio dos meios de comunicação, desde propagandas na TV ao jornal impresso. Engana-se quem pensa que os quadrinhos são meros trabalhos de entretenimento e lazer e que há um desprendimento das histórias com o conceito de sucesso imposto socialmente pelo ideal aqui abordado. Poucos são os estudos acadêmicos que tratam sobre a questão das histórias em quadrinhos, que analisam algum aspecto dentro desse meio tão variado; estudos sobre o sonho americano da perspectiva dos super-heróis atualmente podem ser considerados inexistentes, e isso se dá por tal fator:

O fenômeno cultural dos quadrinhos que inclui super-heróis nunca foi considerado digno de estudos acadêmicos ou considerações sérias como uma forma de arte. Recentemente, entretanto, com o advento do pós-modernismo, as distinções entre alta cultura e cultura popular foram corroídas nos campos da teoria e da prática artística. A cultura popular, incluindo os quadrinhos, tornou-se um campo aceito de estudos acadêmicos. (WINTERBACH, 2006, p. 115)<sup>6</sup>

A partir da aceitação do meio acadêmico pós-moderno que se é possível analisar os padrões sociais pelo viés dos super-heróis; como um ideal de vida tão ilusório pode ser objeto de desejo no mundo real? “Será que uma cultura faminta por imagens de otimismo de seu próprio futuro voltou-se para a fonte primária em busca de modelos utópicos?” (MORRISON, 2012, p. 15).

O ideal de prosperidade vendido pelo sonho americano é algo único, em nenhum outro país é possível encontrar tamanho engajamento pela exaltação de seu modo de vida como podemos notar na sociedade norte-americana. O patriotismo comum em qualquer nação parece ganhar muito mais força quando se trata dos EUA. Tomemos como exemplo um dos personagens mais conhecidos da editora Marvel: Capitão América. “Ele era Steve Rogers, um cabo franzino que se apresentou como voluntário para uma experiência militar projetada para transformar homem comum em super-guerreiro” (MORRISON, 2012, p. 58). Sua criação tinha ligação direta com os acontecimentos que decorriam na época e representava os desejos de uma nação que se unia contra um inimigo em comum. “Steve só queria dar uma surra bem dada em Hitler” (MORRISON, 2012, p. 58). O próprio criador do personagem serviu na Segunda Guerra Mundial e trouxe de volta para seu país o desejo de representar o que vivenciou através de seu trabalho como quadrinista (MORRISON, 2012).

Embora as revistas em quadrinhos de super-heróis oferecessem alento para milhões de jovens leitores restritos à linha de frente nacional durante o período da guerra, elas também entretinham milhões de soldados americanos lotados no exterior e lembravam aos homens o motivo pelo qual lutavam (ROBB, 2017, p. 97)

Capitão América foi então o personagem símbolo da nação em tempos turbulentos, um super-herói necessário, ao mesmo tempo mítico e real ao mexer com a imaginação do país com suas histórias tratando sobre o desenrolar da guerra da

---

<sup>6</sup> The popular culture comic book phenomenon that includes the superhero was never considered worthy of academic study or serious consideration as an art form. Recently, however, with the advent of postmodernism, the distinctions between high culture and popular culture have been eroded, in the fields of both theory and artistic practice. Popular culture, including comics, has now become an accepted field of scholarly study. (WINTERBACH, 2006, p. 115)

forma que desejava – socando Hitler em sua primeira edição – enquanto carregava a bandeira dos Estados Unidos nas cores de seu uniforme de combate. “Com o Capitão América, Simon e Kirby deram às tropas americanas, em campo e em casa, um herói para chamar de seu” (MORRISON, 2012, p. 59).



Capitão América nº 1, março de 1941.

Fonte: Marvel.

Com o sucesso estrondoso dos quadrinhos até mesmo em tempos de guerra, as aventuras desses super-heróis passaram a simbolizar uma espécie de esperança para muitas crianças e jovens, ainda que não fossem tão inclusivas quanto deveriam ser em tese. “As histórias de super-heróis eram escritas para serem universais e inclusivas, mas há de se admitir que quase sempre visaram meninos e jovens do sexo masculino” (MORRISON, 2012, p. 59). Isso ocorria – e só atualmente começa a se desconstruir – porque as mulheres sempre foram colocadas em um nível diferente dos homens, com diferentes tarefas diárias e diferentes mercados publicitários focando em seus interesses.

Engana-se quem pensa que por ser um meio considerado masculino, não existiam super-heroínas nos quadrinhos. Muito pelo contrário, os criadores faziam questão de utilizá-las, porém, apenas com o intuito de atrair mais leitores do gênero masculino.

Talvez seja por isso que tenha se desenvolvido o mito mainstream de que super-heroínas são sempre garotas da *Playboy* de cintura impossível e pernas que parecem estacas articuladas sobre saltos de quinze centímetros. Mas embora seja verdade que os uniformes de super-heróis permitem que os artistas desenhem o que, na prática, é um nu em movimento, sempre tivemos

mais supercorpos femininos do que masculinos. (MORRISON, 2012, p. 59-60)

Ou seja, é clara a discrepância entre as representações femininas se comparadas às masculinas, principalmente quando se diz respeito aos seus corpos. Essa questão da objetificação do corpo feminino com o intuito de agradar leitores do sexo oposto é parte do que irei abordar no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 2 – O PAPEL FEMININO EM SOCIEDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES NO MUNDO DOS QUADRINHOS**

Apesar de atualmente estarmos, como sociedade, entendendo e lutando pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, muito ainda há de ser discutido e desconstruído para que seja possível haver uma real igualdade entre gêneros. As mulheres passaram milênios nas sombras de seus cônjuges, pais, irmãos e filhos, sendo obrigadas a abdicarem de seus direitos e muitas vezes até de seus corpos para servirem como esposas submissas, filhas obedientes e mães dedicadas.

Nesse capítulo, são abordados os papéis femininos que, ao longo de séculos vêm sendo atribuídos às mulheres. Como aos poucos o problema da falta de representação verossímil de personagens femininas ainda é pouco discutido tanto no meio social quanto no meio acadêmico, com apontamentos sobre medidas que devam ser tomadas.

### **2.1 Ser Mulher ao Longo da História**

Durante séculos, o papel desempenhado socialmente pelas mulheres limitava-se a uma submissão velada sob a sombra dos homens em sua vida. Se era filha, deveria obedecer ao pai, se era esposa, deveria obedecer ao marido. Caso o marido morresse e tivesse filhos já adultos, deveria obedecer aos filhos, caso não tivesse filhos, deveria obedecer a figura masculina mais próxima, podendo as vezes ter um tutor designado por seu marido, ou até mesmo um novo casamento arranjado (COULANGES, 2006). Independentemente de quem era a figura principal em sua vida, uma coisa era certa: era uma figura masculina.

Nas sociedades antigas, por exemplo, por séculos seguiram-se códigos de conduta social que colocavam as mulheres em patamares inferiores, de conformidade com relação aos papéis que deveriam desempenhar durante suas vidas.

O direito grego, o direito romano, o direito hindu, que se originam dessas crenças religiosas, todos concordam em considerar a mulher como menor. Jamais pode ter seu próprio lar, jamais será chefe de um culto. Em Roma recebe o título de *mater familias*, mas perde-o por morte do marido. Não tendo nunca um lar que lhe pertença, nada possui que lhe dê autoridade na casa. Jamais dá ordens, jamais é livre, ou senhora de si mesma, *sui juris*. Sempre está ao lado do lar de outro, repetindo a oração de outro; para todos os atos da vida religiosa é-lhe necessário um chefe, e para todos os atos da vida civil um tutor. (COULANGES, 2006, p. 74)

É de fácil percepção notar como as mulheres durante toda a história da humanidade vêm seguindo um certo padrão coadjuvante dentro de nossa sociedade. Observa-se que, desde os mitos cristão-judaico – e ademais religiões –, as mulheres são criadas em uma categoria secundária, fadadas à uma existência posterior à dos homens (MATOS, SOIHET, 2003). Por muitos anos a elas foram designados os afazeres domésticos, a criação dos filhos, a submissão ao seu marido. Aquelas que ousavam ter desejos que não seguissem o que lhes era esperado desde a infância, eram consideradas páreas pela sociedade, muitas vezes não por realmente deixarem de seguir os padrões, mas por terem a coragem de serem aquilo que desejassem.

Esse padrão em que poucas fugiam à regra acabou por criar um precedente de que as mulheres, por serem seres frágeis e às vezes histéricas – algo muitas vezes designado para denominar aquelas que fugiam ao que lhes era esperado, como dito anteriormente – deveriam sempre seguir a liderança de seus maridos, atendo-se, principalmente, a suas obrigações domésticas.

Viu-se que, biologicamente, os dois traços que caracterizam a mulher são os seguintes: seu domínio sobre o mundo é menos extenso que o do homem; ela é mais estreitamente submetida à espécie. Mas esses fatos assumem um valor inteiramente diferente segundo o seu contexto econômico e social. Na história humana, o domínio do mundo não se define nunca pelo corpo nu: a mão com seu polegar preensivo já se supera em direção ao instrumento que lhe multiplica o poder; desde os mais antigos documentos de pré-história o homem surge sempre armado. No tempo em que se tratava de brandir pesadas maças, de enfrentar animais selvagens, a fraqueza física da mulher constituía uma inferioridade flagrante; basta que o instrumento exija uma força ligeiramente superior à de que dispõe a mulher para que ela se apresente como radicalmente impotente. (BEAUVOIR, 1970, p. 73)

Ou seja, o que bastou para a condenação feminina à sua inferioridade no cerne da formação humana em sociedade talvez tenha sido o lapso de força bruta requerida para a disputa de contendas muito recorrentes antigamente. Não se era levado em consideração a inteligência sutil de se resolver problemas sem a necessidade de uma luta, isso não era um atributo respeitável pois, na maioria das vezes, não fazia parte da natureza masculina. Às mulheres cabia o ato de aceitarem que deveriam ser, como crianças, objeto de proteção, e em troca disso, deveriam obedecer, seguir ordens acerca do que quer que lhes fosse imposto por seus parceiros. Sua inferioridade jamais é esquecida.

Começemos pelo começo, o nascimento: a menina é menos desejada. Anunciar: "é um menino" é mais glorioso do que dizer: "é uma menina", em

razão do valor diferente atribuído aos sexos, o que Françoise Héritier chama de "valência diferencial dos sexos". Nos campos de antigamente, os sinos soavam por menos tempo para o batismo de uma menina, como também soavam menos para o enterro de uma mulher. O mundo sonoro é sexuado. (PERROT, 2007, p. 42)

Ao longo da história, poucas ousaram questionar os papéis que lhes eram designados e, apenas no início do século XX é que um movimento de união feminina por direitos igualitários começava a surgir, ainda que timidamente.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o papel feminino se tornou de grande valia para a sociedade da época. Com seus filhos e maridos em outros países lutando em campos de batalha, o chamado do governo para o sexo oposto foi o de também deixarem suas casas para ajudar na guerra, sendo lideradas por *Rosie the Riveter*, o símbolo e slogan do movimento que as recrutava para trabalharem em fábricas de automóveis, armamentos e hospitais nas frentes de batalha, as mulheres passaram a marchar rumo a um caminho mais igualitário, ou assim era o que se esperava. Com o final da guerra, muitas mulheres foram forçadas a pedirem demissão para darem lugar aos homens que retornavam dos campos de batalha com a desculpa do governo de que

[...] não apenas seus serviços não eram mais necessários, mas que elas ameaçavam a estabilidade da nação por enfraquecer os homens. [...] Ao fim da Segunda Guerra Mundial, o número de mulheres norte-americanas que trabalhava fora de casa havia subido 60%; três quartos dessas mulheres eram casadas, e um terço tinha filhos em casa. O trabalho feminino fora crucial no período de guerra [...]. Ao final da guerra, três quartos das mulheres que trabalhavam queriam manter os empregos; pouquíssimas conseguiram. Elas foram informadas que deviam pedir demissão, para dar lugar aos homens que voltavam do serviço militar. Cortou-se o salário delas. As fábricas que tinham creche durante a guerra acabaram com o serviço. Disseram às solteiras para casar; disseram às casadas para ter filhos. As trabalhadoras foram para o altar e depois para a maternidade. (LEPORE, 2017, p. 331).

Milhares de mulheres que tiveram a oportunidade de serem mais do que o que lhes era esperado anteriormente foram obrigadas a renunciarem a tudo o que conquistaram e lutaram nos tempos mais difíceis da década de 1940 para voltarem a seus papéis domésticos.

Porém, ainda durante o movimento de ascensão feminista onde as mulheres aos poucos passaram a ser vistas como uma parte muito mais relevante da sociedade, uma das maiores super-heroínas da história acabou por ganhar vida:



A Mulher-Maravilha aterrissou seu avião invisível em 1941. Era uma amazona, nascida em uma Ilha de mulheres que viviam afastadas de homens desde a Grécia Antiga. Ela fora aos Estados Unidos para lutar pela paz, pela justiça e pelos direitos femininos (...). Ela seria a mulher mais forte, mais inteligente e mais corajosa que o mundo já vira (LEPORE, 2017, p. 11).

Criada por William Moulton Marston, professor e psicólogo responsável pela invenção do detector de mentiras (MORRISON, 2012), a Mulher-Maravilha, de acordo com seu próprio criador, fôra criada para simbolizar uma faceta diferente das mulheres, pois segundo ele “as qualidades fortes das mulheres foram desprezadas por causa de suas fraquezas. A solução óbvia é criar uma personagem feminina com toda a força do Super-Homem, além de todo o fascínio de uma mulher bonita e boa” (ROBB, 2017, p. 84). Marston se considerava um homem liberal que defendia os direitos das mulheres. Sua vida pessoal fora marcada pela influência das mulheres em sua vida, principalmente sua esposa Elizabeth, que segundo muitas fontes, foi quem sugeriu a criação de uma super-heroína (MORRISON, 2012).

Ambos eram dedicados defensores de uma atitude vanguardista quanto ao sexo e aos relacionamentos. Eles compartilhavam uma amante, uma aluna de Marston chamada Olive Byrne, que se diz ter sido modelo de corpo para os desenhos de Harry Peter da Mulher-Maravilha. Juntos, Marston e Peter (com o apoio inegável de Elizabeth e Olive) desenvolveram um mundo fantástico de incrível riqueza (MORRISON, 2012, p. 61).

Marston escreveu e participou ativamente de 28 edições da Mulher-Maravilha antes de falecer, em 1947 (ROBB, 2017). Com a morte de seu criador e o desenvolvimento da personagem caindo nos braços de autores que não faziam o menor esforço para conhecer e entendê-la, muito de sua personalidade acabou se perdendo nas edições seguintes. Robb (2017, p. 125) afirma que “[s]em a mão firme de Marston, algumas arestas da personalidade da Mulher-Maravilha foram polidas [...], de maneira que ela se tornou menos feminista e assumiu o papel tradicional de correr atrás de um homem, o piloto Steve Trevor (e também do Merman e do Birdman)”.

Talvez um dos grandes problemas das representações femininas nos quadrinhos é que as histórias eram escritas, criadas e desenhadas por homens visando o público masculino (MIETTINEN, 2011). Essa é parte da grande problemática discutida a seguir:

## 2.2 A Representação Feminina no Universo dos Quadrinhos

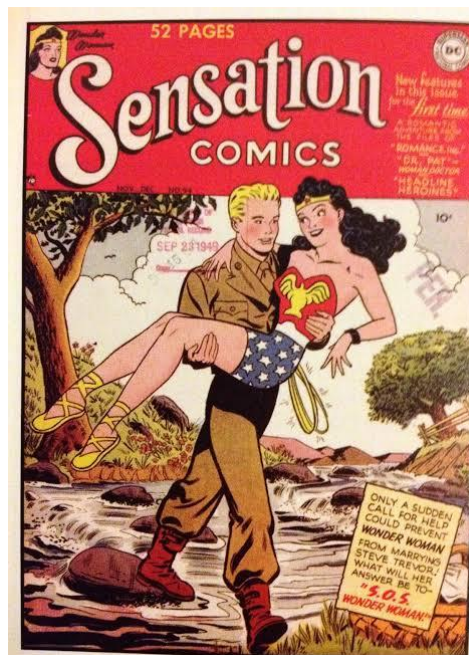
Muito pode ser dito sobre o papel das mulheres no meio dos quadrinhos quando levamos em consideração que foram necessários 20 anos para que uma versão feminina do Superman – a Supergirl – surgisse. Sua existência é posterior, por décadas, ao nascimento de personagens como o Superboy e até mesmo de Krypto (MIETTINEN, 2011), a versão *canina* do homem de aço.

Apesar de a Mulher-Maravilha (1941) ter sido um dos primeiros super-heróis da história e fazer parte do grupo que marcou a Era de Ouro dos quadrinhos, seu desenvolvimento por diversas vezes deixou de ganhar o mesmo destaque que suas contrapartes masculinas. “A Mulher-Maravilha foi a primeira super-heroína bem-sucedida, apesar do status ocasional de secretária da Sociedade da Justiça (um posto que a obrigou a ficar fora de grande parte da guerra)” (ROBB, 2017, p. 127).

Marston morreu em 1947, mas a Mulher-Maravilha seguiu em frente. Os novos roteiristas, contudo, não entendiam seu espírito, e, assim, ela perdeu parte da orientação feminista. Sua força sobre-humana persistiu, mas ela cresceu em violência. Em vez de provar sua superioridade em relação aos homens, ela ficou cada vez mais submissa (LEPORE, 2017, p. 348-349).

Com o final da Era de Ouro dos quadrinhos após a Segunda Guerra Mundial, muitos super-heróis foram levados ao esquecimento e só retornaram décadas depois. A Mulher-Maravilha, entretanto, foi uma das poucas personagens que resistiram aos tempos de crise, porém, o preço para isso não foi de todo barato já que a personagem passou a adotar uma atitude muito mais dócil, “continuou existindo, mas os leitores mal a reconheciam” (LEPORE, 2017, p. 331). Robert Kanigher assumiu a tarefa de continuar escrevendo a personagem após a morte de Marston e foi o responsável pelas mudanças drásticas na personalidade da Mulher-Maravilha. Assumindo odiar a personagem, Robert aos poucos passou a utilizar menos as artes de Harry G. Peter – então idealizador do visual da Mulher-Maravilha durante sua criação por Marston – nas novas edições da revista da personagem (LEPORE, 2017):

A primeira capa de Mulher-Maravilha desenhada por alguém que não Peter saiu em 1949. Trazia Steve Trevor carregando uma Mulher-Maravilha sorridente, tolinha, indefesa, para atravessar um riacho. Em vez das botas vermelhas metedonas e de cano alto, ela usa sapatilhas de bailarina amarelas e graciosas. (LEPORE, 2017, p. 331)



Primeira capa de Mulher-Maravilha em que Harry Peter não participa, 1949.

Fonte: DC Comics.

Essa espécie de domesticação ao qual a personagem passou com o decorrer de suas edições é parte do ideal do Sonho Americano existente na sociedade. O papel da mulher no auge do idealismo desse conceito era o de ser responsável pela criação e educação dos filhos, por ser feminina, dócil e adorável enquanto que o papel de seu marido deveria ser o de prover conforto e proteção para a família.

Com o desejo do governo norte-americano de que as mulheres voltassem para a cozinha e retomassem respeitosa e obedientemente seus lugares como esposas e mães (MIETTINEN, 2011), reforçando e retornando aos ideais anteriores à Segunda Guerra, foi possível notar como isso se refletiu nos quadrinhos da Mulher-Maravilha. De repente, ela “virou babá, modelo e estrela de cinema. Ficou louca para casar com Steve. Começou a dar conselhos às mal-amadas ao virar colunista de jornal, respondendo dúvidas de corações solitários” (LEPORE, 2017, p. 332). Então, nos anos 1950, as mulheres foram forçadas a voltarem para casa, os direitos e as lutas femininas estacaram e Kanigher continuou levando a história da super-heroína que anteriormente foi símbolo da luta pelos direitos iguais a um nível onde tudo o que Diana – seu nome comum – desejava era se casar, resumindo suas edições ao momento em que ela finalmente diria sim para seu amado.

Muitas super-heroínas, pelo menos em algum momento de suas existências, passaram pelo mesmo problema: o de serem rebaixadas a meros suportes para impulsionar o destaque de personagens masculinos. Além disso, apesar de ambas as

representações artísticas de super-heróis e super-heroínas nos quadrinhos sempre terem sido conhecidas pela forma como o corpo humano é representado de maneira quase fora dos padrões, o corpo feminino parece ser desenhado em um nível além, com uma sexualização desmedida que por muitos anos foi normalizada, talvez pela grande quantidade de homens tanto desenvolvendo essas histórias e desenhos, quanto lendo-as e, mesmo que inconscientemente, retratando o corpo feminino conforme seus desejos, ainda que muitas vezes sejam tão fora dos padrões que quase chegam a remover a humanidade existente nas personagens.

Essa 'domesticação' da sexualidade feminina deriva da maneira como as super-heroínas eram retratadas como visualmente atraentes, mas seu poder era condenado ou, como costumava ser, em um grau significativamente menor do que o dos heróis masculinos. (MIETTEN, 2011, p. 86)<sup>7</sup>

Ou seja, na maioria das vezes, a existência das super-heroínas, principalmente no início das histórias em quadrinhos, era a de servir como uma espécie de atrativo para o público masculino se interessar e comprar as histórias. Não era necessário que as personagens fossem tão ou igualmente fortes quanto seus parceiros masculinos, nem que suas opiniões ou personalidades fossem bem desenvolvidas. Bastava que fossem belas, com corpos baseados nas *pin-ups* da época e que – vez ou outra – ajudassem em momentos de crise, mesmo que seja como mera secretária de outros super-heróis, como foi o caso da Mulher-Maravilha, comentado anteriormente.

Infelizmente, apesar de nos dias atuais muitos direitos femininos já terem sido conquistados, a reivindicação de seus próprios corpos parece ainda não ser uma dessas concessões, como podemos observar nas figuras a seguir:

---

<sup>7</sup> This "domestication" of female sexuality derives from the way the female superheroes were depicted as visually enticing, yet their power was either condemned, or, as it often was, of a significantly lesser degree than those of the male heroes (MIETTEN, 2011, p. 86).



Fonte: Nacho Arranz e J. Scott Campbell

A personagem Medusa – do lado esquerdo –, apesar de ser a rainha de uma raça extraterrestre nos quadrinhos Marvel, é retratada pelo desenhista Nacho Arranz de maneira tão desproporcional que o artista chegou a receber inúmeras reclamações por meio das redes sociais onde a imagem foi circulada, fato esse que não é de surpreender a ninguém pois basta que se observe a imagem para notar, logo de cara, que apesar de a personagem estar com o corpo completamente coberto, ao mesmo tempo poderia estar nua, já que nada em seu corpo é protegido aos olhos por sua “roupa”. Já a personagem Tempestade – do lado direito – é representada pelo artista J. Scott Campbell com menos roupas e mais sexualização em uma arte supostamente comemorativa da personagem para a San Diego Comic-Con de 2016; diz-se suposta pois fica claro que o único público capaz de comemorar com tal imagem é o masculino.

Quase todas as super-heroínas dos quadrinhos possuem uniformes completamente não funcionais que apelam para a exibição de seus corpos ao invés de buscarem protegê-las das adversidades que podem encontrar em lutas. A própria Mulher-Maravilha desde a sua criação sempre foi conhecida por variações de blusas justas vermelhas e sem mangas com uma minissaia azul estampando as cores da bandeira norte-americana. Foi apenas em 2010, em uma edição especial, que a personagem usou calças pela primeira vez – ainda que bastante justas – mas logo

retornou a suas raízes anteriores, adotando um modelo mais inspirado nos trajes cinematográficos de batalhas gregas e romanas.

Apesar da representação sexualizada de Ororo Munroe – a Tempestade – por J. Scott Campbell, a personagem foi a primeira mulher negra a ser criada com destaque e importância nos quadrinhos, em 1975, abrindo espaço para uma dupla representação muito bem-vinda e necessária.

Quando o gigante dos quadrinhos da Marvel, Stan Lee, lançou os quadrinhos dos “Misteriosos X-Men” em 1963, ele queria usar um título menos masculino para a série ‘The Mutants’, ou ‘Os Mutantes’. Um editor discordou, e mudou o nome para ‘X-Men’. Apesar do nome, essa série sempre deu um importante destaque a mulheres fortes (MORRIS, M, MORRIS, T, 2009, p. 85)

Ao contrário de outros grupos de super-heróis onde apenas uma ou duas personagens femininas fazem parte – Mulher-Maravilha no time principal da Liga da Justiça, Sue Storm no Quarteto Fantástico, Viúva Negra na versão cinematográfica de Os Vingadores – em X-Men, é possível notar uma forte presença de personagens femininas como Mística, a mutante capaz de se transformar em qualquer pessoa através de suas habilidades transmórficas. Jean Grey, considerada nos quadrinhos a personagem mais poderosa do Universo Marvel e foi criada juntamente com o grupo, em 1963, sempre tendo destaque, apesar de as vezes seu relacionamento amoroso com Scott, outro membro dos X-Men, ser transformado em um triângulo amoroso na adaptação cinematográfica do grupo mutante para os cinemas, e a personagem acabar sendo resumida a um romance que deveria ser secundário.

Portanto, é possível notarmos que o problema das representações femininas nos quadrinhos nem sempre acontecem pela falta de personagens no meio, e sim pela maneira errônea com que essas personagens são tratadas. Apesar de haverem muito mais super-heróis do que super-heroínas, se apenas as mulheres fortes e superpoderosas fossem desenvolvidas apropriadamente, de maneira concisa e mais próximas da realidade, principalmente ao que se diz respeito sobre seus desenhos, seus corpos, muitas outras meninas e jovens poderiam apreciar e se sentirem representadas em um meio que deveria celebrar a diversidade humana, mas, ao invés disso, deixa a desejar de diversas maneiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito já foi conquistado através das lutas das minorias por seus direitos, que, apesar de serem básicos, muitas vezes não são devidamente exercidos e respeitados. No que diz respeito aos direitos das mulheres, é fato que ao se fazer uma comparação – não necessariamente muito longe em questão de décadas – entre os direitos conquistados atualmente e o que existia anteriormente, houveram grandes passos no caminho para a igualdade. As mulheres passaram a ter o direito ao voto, a dirigir, a ingressarem em universidades, a trabalhar e a serem donas de suas vidas sem necessariamente precisar de um parceiro para lhe dar suporte, ou de uma família com filhos para validar seu papel feminino perante a sociedade.

Entretanto, como pudemos notar através das discussões propostas neste presente trabalho, a conquista por esses direitos básicos não anula o fato de que muito ainda precisa ser discutido e conquistado, principalmente quando se diz respeito ao corpo feminino, à sua transformação de humano para objeto com o intuito de rebaixar a mulher a um mero produto de apreciação por parte de um público alvo.

Os quadrinhos sempre tiveram forte influência do contexto social da época em que eram e são escritos até nos dias atuais. São maneiras de se espelhar a vivência humana de uma forma mais atraente por meio de super-poderes, aliens que vem para a Terra ainda bebês e ao crescerem se tornam homens quase invencíveis, mulheres que saem de uma Ilha desconhecida e paradisíaca com dons vindos dos deuses com o objetivo de proteger a humanidade. Enfim, são projeções de uma humanidade super-poderosa.

Portanto, essa objetificação feminina cravada nos conceitos e ideologias de nossa sociedade mundial – ainda que as vezes se difere entre o ocidente e o oriente – também pode ser vista de maneiras variadas no mundo dos quadrinhos. Muitas personagens femininas não chegam a serem protagonistas pois o objetivo de suas existências são o de servirem como base de personagens masculinos, assim como a maioria das mulheres serviam de coadjuvantes em suas próprias vidas ao se aterem aos deveres domésticos e familiares enquanto os homens deveriam sair para conquistar o mundo.

Aos poucos, é possível notar que vamos caminhando para um mundo onde se há mais espaço para discutir e questionar esses padrões impostos e nunca antes debatidos de maneira tão ampla e receptiva, o que, conseqüentemente, nos proporciona representações mais verossímeis de super-heroínas nos quadrinhos e

também nos cinemas, com filmes protagonizados por personagens femininas cada vez mais frequentes e bem recebidos pelo público em geral. Isso traz esperança de que um dia seremos ainda melhores do que somos agora e fomos anteriormente, ainda que o caminho seja longo e árduo.

Portanto, através das discussões aqui abordadas podemos concluir que este trabalho possui questões relevantes que contribuem para o meio social e acadêmico.



## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. 4ª ed. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CHOMSKY, Noam. **Réquiem para o sonho americano**: os dez princípios de concentração de riqueza e poder. 3ª ed. Trad. de Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A cidade antiga**. Trad. De Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, 2006.

DC COMICS. Comiccollectorlive.com. **Sensation Comics (1942) 94-A**. Disponível em: <<http://www.comiccollectorlive.com/LiveData/Issue.aspx?id=47026632-efef-4d70-a592-06e691e18e20>> Acesso em: nov. 2019.

DUQUE, Fran; ARRANZ, Nacho. **Medusa**. Disponível em: <[https://frank\\_art.artstation.com/projects/8lEdqE](https://frank_art.artstation.com/projects/8lEdqE)> Acesso em: nov. 2019.

GRAND, Alex. **How DC sued their competition to keep Superman as the #1 superhero**. Comicbookhistorians.com. 28 set. 2017. Disponível em: <<https://comicbookhistorians.com/how-dc-kept-superman-super-litigation-attorneys/>> Acesso em: out. 2019.

GRESH, Lois; WEINBERG, Robert. **The science of superheroes**. New Jersey: John Wiley & Sons Inc., 2002.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. 2ª ed. Trad. de Érico Assis. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

MARVEL. **Captain America Comics (1941)**. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/7849/captain\\_america\\_comics\\_1941\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/7849/captain_america_comics_1941_1)> Acesso em: out. 2019

MATOS, M. I.; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIETTINEN, Mervi. **Superhero comics and the popular geopolitics of American identity**. 2011. 215 f. Tese (Doutorado) – Doctoral Dissertation – School of Language, Translation and Literary Studies, University of Tampere. Tampere, 2011. Disponível em: <<https://trepo.tuni.fi/handle/10024/76552>> Acesso em: jul. 2018.

MORRIS, Matt; MORRIS, Tom. **Super-heróis e a filosofia**: verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2009.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. Trad. de Érico Assis. São Paulo: Seoman, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. de Angela M. S. Côrrea  
São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos super-heróis**: a história e as origens dos  
maiores sucessos das hqs: do super-homem aos vingadores. 1ª ed. Trad. de André  
Gordirro. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

The Marvel Project. **Storm in the Savage Land by J. Scott Campbell from San  
Diego Comic-Con 2016**. 29 jul. 2016. Disponível em: <  
[https://themarvelproject.tumblr.com/post/148149387732/storm-in-the-savage-land-  
by-j-scott-campbell-from](https://themarvelproject.tumblr.com/post/148149387732/storm-in-the-savage-land-by-j-scott-campbell-from)> Acesso em nov. 2019.

WINTERBACH, Rougaard. **Heroes and Superheroes**: from Myth to the American  
Comic Book. Pretoria: Faculty of Arts, Tshwane University of Technology, 2006.  
Disponível em: <<https://repository.up.ac.za/handle/2263/10798>> Acesso em: out.  
2019.